

Sustentabilidade na produção de leite é sinônimo de fazenda com administração eficiente e produtor bem informado. Com isso, mais ganhos e melhor produtividade

ROMUALDO VENÂNCIO

LEITE SUSTENTÁVEL a partir de gestão eficiente

A partir de janeiro próximo, toda a água da chuva que cair sobre a sala de ordenha da Fazenda Recanto SS, de Itirapina-SP, será captada, armazenada em uma cisterna de 5 mil litros e utilizada na lavagem do fosso, etapa indispensável para uma coleta segura do leite. Também está nos planos dos proprietários a instalação de um sistema de aquecimento, alimentado por energia solar, para garantir uma temperatura mais elevada na água e um refresco no bolso.

“Teremos uma economia mensal de R\$ 300 com energia elétrica, o que, por ano, representa R\$ 3.600”, comenta Junior Saldanha, dono da fazenda. Este

tem sido o caminho que liga a sustentabilidade à pecuária de leite. A necessidade de obter melhores resultados leva o produtor a buscar conhecimento, informações e orientação técnica, o que acaba trazendo ganhos financeiros e benefícios ao meio ambiente.

Quando Saldanha começou a administrar a fazenda de sua família e decidiram trabalhar com o gado leiteiro, a situação ainda era um pouco rudimentar. Para se ter ideia, utilizava-se touro Nelore para cobrir as vacas. “Estamos praticamente no quintal da Embrapa Pecuária Sudeste, então fui até lá procurar ajuda”, lembra o produtor. A Recanto SS fica próxima à unidade

localizada em São Carlos-SP, que realiza uma série de pesquisas voltadas à produção pecuária sustentável.

A partir do acompanhamento dos pesquisadores e da entrada no programa de assistência técnica Balde Cheio, Saldanha mudou seus hábitos. Passou a utilizar reprodutores da raça Holandesa e formou um plantel mais bem selecionado de fêmeas Girolando. “Compramos 30 vacas boas e apartei 20 com os melhores índices para produtividade e longevidade”, relata. Paralelamente a essa seleção, deu início ao pastejo rotacionado. Com a mudança da condição de manejo e alimentação, animais que produziam cerca de 12

litros passaram para 18, 20 litros/dia.

A Recanto SS é uma fazenda de 26 ha. Os 20 ha destinados à atividade leiteira estão configurados da seguinte forma: 6 ha de pasto irrigado, 5 ha de pasto piqueteado para o gado seco, 4 ha cultivados com cana-de-açúcar para alimentação na seca e 5 ha com milho para produção de silagem. A pastagem com irrigação (que este ano passou de 3 ha para 6 ha) tem dois módulos de 2 ha com capim-mombaça e mais dois de 1 ha, um com jiggs e outro com estrela. O consumo de água é controlado por um evaporímetro, que determina o volume exato a ser aplicado sobre o pasto.

Com um cardápio mais sofisticado foi possível apertar a seleção do gado. Hoje, o rebanho conta com 48 vacas adultas com animais Girolando 3/4, 7/8, Jersolando, e até Vermelho Sueco. As 41 fêmeas em lactação produzem um total diário de 750 litros em duas ordenhas. A meta é chegar a 1.000 litros já no ano que vem e, posteriormente, a 1.200. Prova de que o negócio mudou de vez é que há pouco mais de um ano a fazenda recebeu a certificação de produção orgânica. “Acabo de renovar meu contrato com a Fazenda da Toca, que compra todo meu leite”, observa Saldanha.

INOVAÇÃO NO MANEJO E NAS ATITUDES

Sustentabilidade não se alcança por meio de um fator isolado, mas a partir de um conjunto de medidas complementares. A ordenha da Recanto SS tem outro exemplo dessa realidade. Não se lava a sala de espera nem o local onde as vacas ficam no momento da retirada do leite. Os resíduos são coletados por raspagem. Além da economia de água, esse material pastoso é utilizado como fertilizante para ajudar a manter a condição de produção orgânica.

Conforme avança a crise de abastecimento de água nos centros urbanos, também se intensifica o questionamento sobre o consumo de água pela produção pecuária. Segundo Julio Palhares, pesquisador da Embrapa Pecuária Sudeste, a situação no campo é diferente da que se vê no meio urbano, mas a percepção sobre o problema já mudou. “Ao ver a dimensão dos impactos da falta d’água, o produtor passou a se perguntar como seria se ele estivesse na mesma condição”, explica.

Para o especialista, esse pensamento é um estímulo à inovação também das atitudes. Em sua opinião, o setor precisa se antecipar e discutir

o tema, tomar providências para ter conhecimentos e informações necessárias para colocar em prática e saber apresentar os resultados. “Isso já começa a ser discutido também em relação ao uso da energia elétrica”, acrescenta Palhares. O esclarecimento ajuda a promover discussões

na direção certa, o que também leva a ações adequadas e até à definição de políticas públicas para a atividade.

O próprio conceito de pegada hídrica pode ser visto de forma diferente. Levantamento da Water Footprint Network informa que, na média global, são consumidos 155 litros de água para produzir um copo de 250 ml de leite, ou 1.020 litros de água por quilo de leite. A Embrapa Pecuária Sudeste está realizando um estudo para ter um cálculo que seja referência da realidade brasileira. “Não podemos apenas transferir o que já existe para nossa produção”, adverte Palhares. E aí vem o diferencial.

Identificar a pegada hídrica da pecuária leiteira nacional é importante, mas o processo para chegar a tal dado pode ser ainda mais. A captação de dados será finalizada em janeiro, e os resultados deverão ser revelados na



Palhares: falta d’água na cidade preocupa o campo

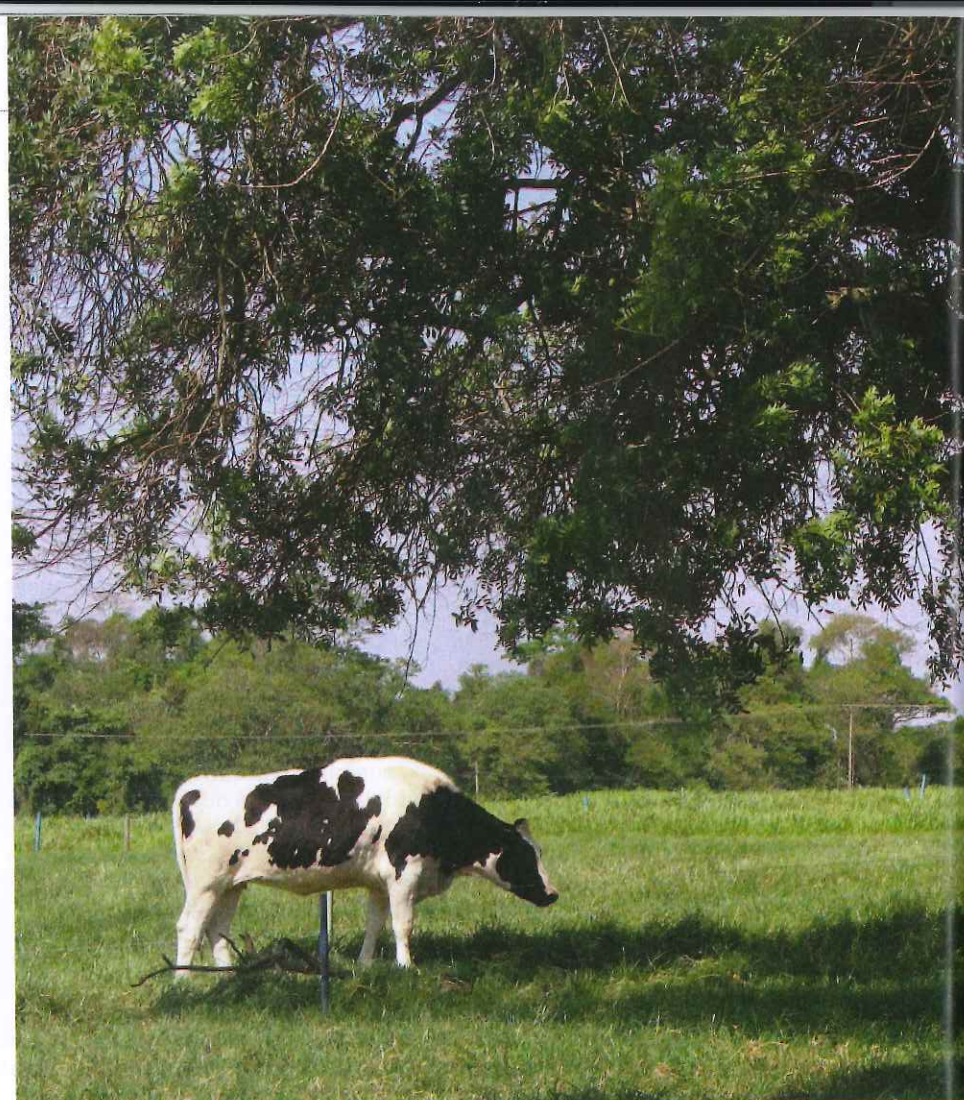


Foto: R. Venâncio



O manejo da Integração Lavoura-Pecuária-Floresta ganha cada vez mais adeptos



Pezzopane: capacidade maior de suporte com ILPF

adições de aprimoramento ra da fazenda. ambiental nessa re observado “Costuma-se to de vista da do animal e da ídrico. E nutri mudarmos o qua”, explica o

tem excesso er mais água. tão relevante, o consumo re- entanto, como ração, haverá fezes e a uri- que aumenta tividade. Se a me de dejetos a necessidade manejo desses



vânia, em Caçapava-SP. Em outubro, o produtor recebeu a visita do pesquisador José Ricardo Pezzopane e do analista Helio Omote, ambos, da Embrapa Pecuária Sudeste, para uma conversa sobre a ILPF. O encontro deu início a um projeto para implantação do sistema nos 60 ha da propriedade.

Falcão conta que há algum tempo já vem adotando medidas para tornar a atividade mais sustentável, trabalhando de forma mais natural a partir do melhor aproveitamento da adaptabilidade dos animais e da pastagem tropical. “Há cerca de oito anos, fizemos um investimento grande na propriedade para implantar o pastejo rotacionado e irrigado e cuidar da preservação das nascentes”, confirma o selecionador. Conta que, devido a essas providências, a fazenda não foi afetada pela escassez de água que atingiu a região no ano passado.

MAIS CONFORTO E PRODUÇÃO DE LEITE - O novo passo na direção da sustentabilidade já foi dado. Falcão forneceu ao pessoal da Embrapa tudo o que era necessário para o desenho inicial do projeto de ILPF: características da fazenda, mapas, projetos de irrigação e divisão de piquetes. Ainda não foi decidido que tipo de árvore será plantada, mas Falcão sabe bem que benefícios esperar. Além do conforto

térmico para os animais com o sombreamento, pretende amenizar o impacto dos ventos, que costumam ser fortes.

A madeira será uma nova fonte de renda, mas é preciso tempo. O retorno só deve vir dentro de uns quatro anos, pois é quando começa o primeiro corte. O milho é a cultura mais cotada para a parte de lavoura. Como o gado da Silvânia é criado a pasto, há expectativa de aumentar

litros com 60 animais. Serão 2,6 litros a mais na média diária. “Nosso objetivo maior é trabalhar os recursos naturais da propriedade de maneira a melhorar a utilização dos animais e das pessoas envolvidas, por meio da oferta de um alimento com mais qualidade”, diz Falcão, que tem um rebanho com 300 animais. A venda de genética é um grande negócio da Silvânia, inclusive com parcerias para produção de embriões, tanto para o Gir quanto para o Girolando.

Há mais um fator que ajudou no convencimento do pecuarista para optar pela ILPF, a diminuição das emissões de gases de efeito estufa (GEE). Essa tecnologia é uma das estratégias para a mitigação desses gases. Com as medidas certas, é possível, inclusive, alcançar um saldo positivo de carbono. É o que explica Patrícia Perondi Anchão, pesquisadora da Embrapa Pecuária Sudeste. “Pastagens manejadas de forma adequada sequestram grandes quantidades de carbono e ainda contribuem para o aumento de matéria orgânica na área, melhorando a fertilidade do solo e a qualidade da pastagem”, detalha.

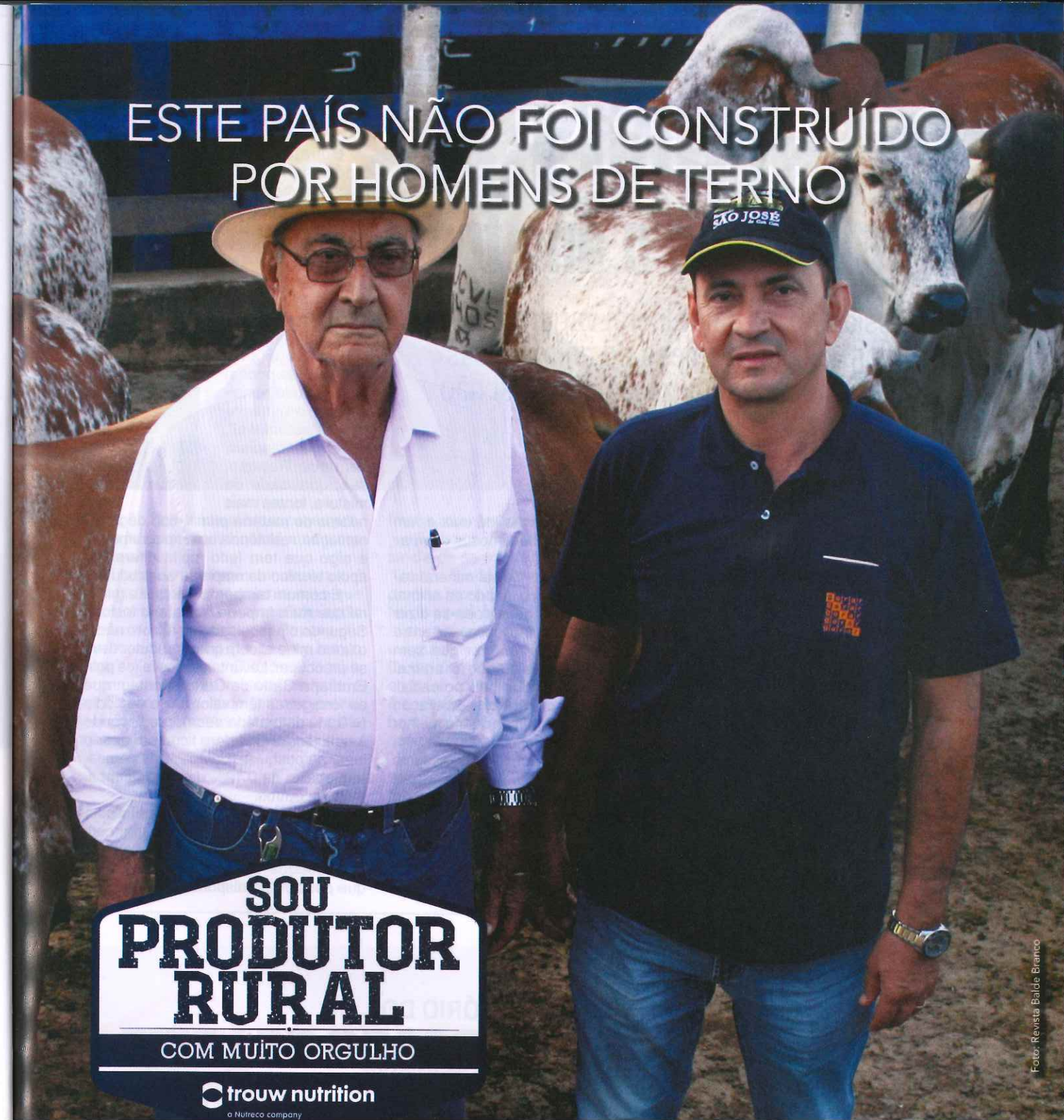
Administrada com profissionalismo, a pecuária leiteira pode ser, além de um bom negócio, uma grande aliada na preservação global do meio ambiente. Mas para isso é imprescindível que se tenha informações suficientes e seguras para gerar os melhores resultados dentro e fora da porteira. A argumentação consistente ajudará a mostrar para a sociedade de maneira geral quais são as contribuições do agronegócio. ■

DIVULGAÇÃO DE TECNOLOGIA

Nos dias 15 e 16 de outubro, a Embrapa Pecuária Sudeste, localizada em São Carlos-SP, recebeu em sua sede cerca de 100 pessoas, entre produtores, técnicos, dirigentes do setor agropecuário e jornalistas, para falar sobre sustentabilidade na pecuária de leite e de corte.

Os temas foram apresentados

ESTE PAÍS NÃO FOI CONSTRUÍDO POR HOMENS DE TERNO



SOU PRODUTOR RURAL

COM MUITO ORGULHO

crouw nutrition
a Nutreco company